

DESAFIOS DA FORMAÇÃO INICIAL NO PARFOR: REFLEXÕES SOBRE UMA PRÁTICA A PARTIR DO ENSINO DE HISTÓRIA D EDUCAÇÃO (2012/2015)

Luciane Sgarbi S. Grazziotin – UNISINOS

Dóris Bittencourt Almeida – UFRGS

Viviane Klaus – UNISINOS

1- A formação inicial no PARFOR.

O Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR é um programa que tem como um de seus principais desafios a profissionalização docente mediante uma relação escola/universidade que contribua com a qualificação da educação básica.

Em estudo realizado sobre a formação de professores para o Ensino Fundamental, Gatti (2010) diz que a incorporação de docentes nas escolas se dá por meio da expansão das Escolas Normais em nível médio e de várias adaptações, dentre as quais, destacam: cursos rápidos de formação docente, complementação de formações de origens diversas, autorização para que um mesmo professor lecionasse áreas afins, admissão de professores leigos, autorização especial para exercício de magistério a não licenciados. Essa mesma autora (2010) afirma que, por mais que tenha havido um aumento de Cursos Normais e licenciaturas nos anos de 1970 e 1980, grande parte desses se constituiu a partir de modelos instituídos no fim do século XIX e no início do século XX.

É interessante observar os movimentos realizados, especialmente a partir da década de 1990, que colocam como foco central das políticas nacionais a formação docente uma vez que “o professor, tido como agente de mudança, emerge [...] cada vez mais, como *o responsável*¹ pela realização do ideário do século XXI” (SCHEIBE, 2010, p.987).

A partir do ano de 2008, uma sucessão de pareceres, resoluções e decretos se conjugaram, no sentido de implementar uma política nacional de formação de

¹ Acreditamos que esta questão precisa ser problematizada. Ao mesmo tempo em que, em períodos anteriores, a formação de professores e o seu reconhecimento profissional ficavam delegados a segundo plano, afirmar na atualidade, que os professores são os grandes responsáveis pelas mudanças necessárias no cenário educacional do século XXI é um risco. Certamente os docentes têm muito a contribuir, mas para tal fazem-se necessárias condições que possibilitem o desenvolvimento de um trabalho de qualidade.

profissionais do magistério. Em 2009, o decreto nº 6.755, de 29 de janeiro instituiu a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica. Dentre os objetivos dessa Política, destacam-se: promover a melhoria da qualidade da educação básica pública e a valorização do docente, mediante ações de formação inicial e continuada que estimulem o ingresso, a permanência e a progressão na carreira (Brasil, 2009). O PARFOR surge na esteira dessa política para atender o disposto no artigo 11, inciso III do Decreto nº 6.755 que diz que a CAPES fomentará a:

oferta emergencial de cursos de licenciaturas e de cursos ou programas especiais dirigidos aos docentes em exercício há pelo menos três anos na rede pública de educação básica, que sejam: graduados não licenciados; licenciados em área diversa da atuação docente; e de nível médio, na modalidade Normal (BRASIL, 2009, s/p).

O PARFOR foi implantado em regime de colaboração entre a Capes, os estados, municípios, o Distrito Federal e as Instituições de Educação Superior – IES. O Programa fomenta a oferta de turmas especiais em cursos de licenciatura, segunda licenciatura e formação pedagógica. O objetivo do Plano é o de:

Induzir e fomentar a oferta de educação superior, gratuita e de qualidade, para professores em exercício na rede pública de educação básica, para que estes profissionais possam obter a formação exigida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB e contribuam para a melhoria da qualidade da educação básica no País (BRASIL, 2013, s/p).

E é justamente com o compromisso de profissionalização docente, decorrente da melhoria da qualidade da Educação Básica no país, que a Universidade, lócus dessa pesquisa, aderiu ao PARFOR. No primeiro semestre de 2012, ingressou a primeira turma do Curso de Pedagogia PARFOR. No segundo semestre, ingressou a segunda turma desse mesmo Curso e a primeira turma do Curso de Matemática.

Com a preocupação de acompanhar o processo de formação dessas alunas, implementou-se na Instituição um projeto desenvolvido com a primeira turma do Curso de Pedagogia PARFOR, intitulado “ Territórios de professoras: processos de formação, cultura escolar e práticas de escolarização” cujo propósito foi analisar as trajetórias profissionais das alunas e seus percursos acadêmicos no sentido de entender os

processos de construção de uma cultura profissional relacionada à docência. Em um primeiro momento o estudo teve como foco a trajetória das alunas na disciplina História da Educação. Partiu-se do pressuposto de que as narrativas são práticas que instituem sentidos, articulam relações específicas, hierarquizam e fabricam significados (Costa, 1999). A História da Educação como disciplina curricular pode contribuir na constituição de outras formas de narrar, conceber e viver a docência, questões estas que serão exploradas nas próximas seções.

2- Sobre o ensino de História da Educação na turma do PARFOR/2012

Chervel faz uma genealogia do termo disciplina e, entre os sentidos identificados pelo autor, está o de "matéria de ensino suscetível de servir de exercício intelectual", entendimento que passa a ser construído a partir do início do século XX. Esse conceito vale como princípio de discussão para explicitar-se o contexto dessa pesquisa que tem na disciplina de História da Educação sua centralidade.

A discussão proposta toma a História da Educação enquanto componente curricular e campo de pesquisa. O estudo procura entender que significados e sentidos que as alunas de uma turma de Pedagogia, modalidade PARFOR, atribuíram à disciplina de História da Educação no contexto de sua formação para exercício da docência.

No cenário das políticas públicas de formação docente, o objetivo a que esse estudo se propôs foi identificar, problematizar e entender, em certa medida, o processo de formação de alunas /professoras a partir de uma prática pedagógica específica que se utilizou de documentos escolares como mote para trabalhar os temas de História da educação. O desafio consistiu em analisar os significados da Disciplina em seu processo de formação. Para tanto, a metodologia agregou respostas escritas a perguntas direcionadas especificamente à atividade acadêmica² de História da Educação e narrativas orais das alunas concernentes à sua formação.

Essa pesquisa teve como mote as aulas de História da Educação e as transformações em suas abordagens, tanto no âmbito da pesquisa como do ensino. Ao longo do século XIX, a História, de modo geral, era entendida essencialmente como

² O termo *atividade acadêmica* será utilizado no texto como sinônimo de disciplina curricular e componente curricular.

uma narrativa de fatos passados. Postulava-se o estudo da individualidade irreproduzível e única dos atos humanos, com destaque para figuras das elites e suas biografias. Era uma história de viés totalizante, calcada na homogeneidade, sem espaço para qualquer diferença, que expressava uma visão masculina, europeia, branca, adulta e heterossexual. Essas fontes validadas pelo Historicismo limitam-se aos documentos escritos de caráter oficial, entendidos como provas do que realmente teria ocorrido. São concepções da História a partir de perspectivas lineares, não problematizadoras, preocupadas com a apresentação de fatos políticos, como representações realistas e objetivas do passado, em detrimento de outras esferas da vida social.

Nesse mesmo viés, se encontram os manuais de História da Educação. Embora sejam importantes fontes de consulta para se ter uma visão geral, a História da Educação não pode atrelar-se unicamente à utilização desses manuais, sob pena de ser reduzida a uma condição factual, linear, descomprometida com um contexto micro que aproxima, sensibiliza e cativa as acadêmicas, tornando possível a atribuição de significados particulares aos conteúdos estudados. Foi assim, comprometidas com a formação das alunas/professoras que se procurou aproximar a História da Educação, em suas dimensões de ensino e de pesquisa, do cotidiano das alunas.

Nesse sentido, a prática desenvolvida com a turma consistiu em identificar, recolher e analisar documentos históricos, que dissessem respeito à educação, com posterior produção de um texto em formato de artigo acadêmico. Essa prática resultou no presente estudo que será exposto em duas etapas: a primeira em que se explicita a atividade desenvolvida com a turma e, na sequência, discute-se a metodologia e os resultados obtidos com a pesquisa.

3 - Significar a História da Educação utilizando documentos.

A disciplina História da Educação, na instituição lócus da pesquisa, compõe a grade curricular do primeiro semestre do Curso de Pedagogia. As alunas, ingressantes nesse curso, de modo geral, pouco ou nada sabem sobre conceitos referentes ao trabalho historiográfico e sua relação com a educação. Levando-se em consideração essas especificidades e o fato de que a área de História da Educação passa por uma revolução, tanto em seus contornos teórico-metodológicos quanto no alargamento de seus objetos e suas fontes, é que se propôs uma atividade que considerasse a ampliação das fontes e metodologias, qualificando o estudo da disciplina.

Hoje, o ensino e a pesquisa neste campo de conhecimento são mais imaginativos e inovadores do que no passado recente. Chartier (2001) alerta para a necessidade de se estudar objetos culturais em sua materialidade. Então, cultura escolar, cotidiano e funcionamento de escolas, agentes educacionais, imprensa pedagógica, livros didáticos, tendências de estudos mais localizados, realidades circunscritas em um espaço pequeno de tempo, constituem-se em temas das aulas dessa disciplina.

Nessa perspectiva, algumas inquietações impulsionaram, há algum tempo, a repensar formas de condução das aulas de História da Educação. Entre essas inquietações, está a desvalorização dessa disciplina frente aos demais componentes do currículo, questão que vem se contruindo pelas políticas do governo que incidem sobre a Pedagogia e demais licenciaturas, provocando, muitas vezes, a diminuição da carga horária dos chamados Fundamentos da Educação.

Essa observação provocou as seguintes reflexões: como uma disciplina que faz parte dos Fundamentos da Educação conseguirá competir com aquelas que se relacionam diretamente aos processos de ensino e de aprendizagem? Como tornar a atividade acadêmica valorizada pelas alunas? De que forma despertar nas alunas a dimensão da preservação do documento, da construção de uma memória escolar, do entusiasmo pela valorização dos acervos históricos escolares? De que maneira pode-se transformar um componente curricular, de modo geral pouco valorizado, em um efetivo espaço de formação profissional? A partir dessas questões, com o propósito de ampliar a discussões, sistematizou-se a prática relatada a seguir.

O início deu-se pela discussão do conceito de documento histórico. De modo geral, as alunas consideram documento aquilo que é escrito que provém de uma instituição, pertenceu a alguém de destaque da sociedade, é muito *velho*, é muito raro, enfim, a seus olhos, são essas características que fazem um artefato obter a chancela de ser oficialmente um documento histórico.

Com o decorrer das aulas, apresentou-se a elas um *mundo* onde artefatos de outros tempos, como cadernos, diários de professoras, revistas, objetos da cultura material da escola, periódicos escolares e também memórias orais de professores e/ou alunos, entre tantas outras possibilidades, foram tomados como documentos históricos, discutindo-se os referenciais para analisá-los. Em um segundo momento, analisaram, com base em um roteiro, artefatos antigos, trazidos por elas, que entendiam como documentos.

Foi interessante observar como as alunas se posicionavam diante dessa atividade. Percebeu-se, inicialmente, uma espécie de descrença de que *aquilo* teria, de fato, algum significado importante. A grande maioria das alunas nutria uma espécie de encantamento pelo artefato. À medida que a atividade avançava, solicitaram-se complementos para os documentos trazidos, tais como, fotografias, entrevistas com pessoas relacionadas ao objeto. Muitos desses documentos pertenciam aos familiares das alunas, nesse caso pode-se perceber que redimensionaram vínculos com tios, avós, tias distantes, madrinhas que não viam há tempos. Em outros casos, valorizaram as trajetórias de alguns familiares: a docência exercida pelas mães ou avós que, em tempos passados, lecionaram sem formação; as dificuldades de acesso à escola, quando muitos precisavam se deslocar a cavalo ou caminhavam quilômetros para lá chegarem. Os documentos analisados também se constituíram em evocadores das memórias desses sujeitos bem como das alunas, assumiram significados não conferidos a eles até então.

No processo de realização da atividade afloraram sentimentos de pertencimento a determinadas comunidades. Por exemplo, o contato com ata da escola em que se alfabetizaram ou o registro de uma escola rural que não existe mais e na qual elas estudaram, possibilitou a reflexão de que isso não mais retornará, mas que, com os vestígios recolhidos e historicizados podem trazer para o presente um fragmento desse passado até então esquecido. A isso se somou uma espécie de tomada de consciência e certa revolta pela falta de preservação.

O trabalho prosseguiu com reflexões destinadas a construir e conferir significados a esses artefatos. As acadêmicas responderam às perguntas: que história esse documento conta? O que posso saber ou entender através dele? Com o objetivo de apropriarem-se de uma contextualização global, indicou-se, nesse primeiro momento a consulta aos manuais de História da Educação.

Posterior a essa fase, as alunas cotejaram, a materialidade da sua fonte histórica e os aspectos gerais relacionados à sua temporalidade com as questões específicas e a produção intelectual relacionada à singularidade de seu documento.

A atividade procurou sensibilizar as discentes para a compreensão do quanto o universo da educação e sua História ainda é pouco conhecido pelos professores que naturalizam o cotidiano da escola.

A finalização do processo foi à produção de um artigo acadêmico. Antes da entrega, as alunas socializaram seus escritos e expuseram seu processo de pesquisa, seus

achados e suas conclusões. No quadro 1 apresenta-se um levantamento dos documentos analisados³.

QUADRO 1

| NOME DA ALUNA | TÍTULO DO ARTIGO | DOCUMENTOS ANALISADOS | TEMPORALIDADE |
|----------------------|---|--|---|
| Aluna A | Avaliação Escolar: análise de boletins escolares do ano de 1976 até 1985. | Boletins da Escola Municipal Delfina dias Ferras e Colégio José de Montenegro. | De 1976 a 1985. |
| Aluna B | Supletivo: atualização reforçada | Certificado de conclusão do 1º grau. | Ano de 1977. |
| Aluna C | Os exames de admissão ao ginásio: uma análise dos livros. | Livro didático para Admissão ao Ginásio: Vamos Estudar – 1958; Livro didático para Admissão ao Ginásio - 1961; Livro didático para Admissão ao Ginásio: Estrada Luminosa - 1967. | Final da década de 1950 e década de 1960. |
| Aluna D | A escola e suas listas de classificação, aprovação e reprovação. | Lista de classificação do Grupo Escolar do Bairro da Viação Férrea (Taquara/RS). | Ano 1969. |
| Aluna E | Uma história escolar através de uma imagem. | Fotografias do arquivo pessoal de uma professora estadual aposentada. | Final da década de 1960. |
| Aluna F | Na Imagem da Fotografia, a Recordação de uma Época Escolar. | Fotografias de escola de 1969. | Ano de 1969. |
| Aluna G | Registro de Classe, controle e forma de guardar uma fase escolar. | Caderno de Registros de Classe do Grupo Escolar de Portão. | Ano de 1968 – 1969. |
| Aluna H | Escola rural de Pareci Velho: História e lenda. | Caderno de chamada de 1953 da Escola Municipal de Ensino Fundamental Santo Inácio – São Sebastião do Caí; Arquivos escolares; Entrevistas com ex-alunos e ex-professores. | Décadas de 1953 a 2012. |
| Aluna I | O registro das atividades escolares em período de mudanças. | Livro de atas das reuniões pedagógicas de 1978/87 de uma Escola Estadual. | Décadas de 1970 e 1980. |

³ Trinta e cinco alunas realizaram o trabalho, porém fez-se o levantamento somente de dezessete estudos em função de que muitas não os devolveram, para participar da investigação na primeira etapa.

| | | | |
|---------|---|---|---|
| Aluna J | Boletim Escolar: Retrato de uma sociedade | Boletins Escolares da Escola Estadual de 1º Grau Coronel Aparício Borges. | Final da década de 1970 e início da década de 1980. |
| Aluna L | Histórico Escolar: os indícios da organização do currículo escolar, conforme as leis: 4.024/61 e 5.692/71. | Histórico escolar da Escola Estadual de 1º grau Visconde de São Leopoldo. | Décadas de 1968 a 1971. |
| Aluna M | Formas de avaliação escolar no contexto social e político brasileiro. | Boletins escolares de ex-aluna da Escola Sagrado Coração de Jesus – São Leopoldo; Boletins escolares de ex-aluna do Ginásio Estadual Olindo Flores da Silva - São Leopoldo; | De 1963 a 1970. |
| Aluna N | Histórico e diploma escolar: descrição, análise e investigação dentro do contexto sociopolítico educacional da época. | Histórico escolar da Escola Dr. Antenor Gonçalves Pereira (Bagé/RS); Diploma de 2º Grau da Escola Dr. Antenor Gonçalves Pereira (Bagé/RS) | Década 1976. |
| Aluna O | A lousa ontem e hoje. | Lousa escolar da década de 1930 | Década de 1930. |
| Aluna P | Recuperação escolar uma reflexão sobre uma imagem. | Fotos de recordações escolares dos anos de 1970, 1974 e 1975. | Década de 1970. |
| Aluna Q | Memórias de artefatos culturais. | Lousa e grafite, pincel tinteiro, caneta automática Parker. | De 1940 a 1960. |
| Aluna R | Boletins como forma de entender a avaliação. | Boletim do Grupo Escolar José de Alencastro - 1959. | Década de 1950. |

Com o mapeamento dos trabalhos, pode-se identificar os focos de estudo e ampliar as reflexões sobre os processos de formação docente tendo como referência a disciplina de História da Educação. A intenção ao se trabalhar essa prática, tomando a História da Educação como disciplina e campo de pesquisa, foi como diz Nunes “inundar o dia a dia da sala de aula” com o comprometimento, entre outras coisas, de valorização do passado escolar (2003, p.152). Nesse sentido, foi importante o envolvimento das alunas no trabalho historiográfico, estimulando-as a perceberem, na

prática, a História da Educação enquanto possibilidades de desenvolver pesquisas, indicando caminhos de aprimoramento acadêmico através da participação em bolsas de iniciação científica, de trabalhos de conclusão de curso e em cursos de pós-graduação, em diferentes níveis, identificados à História da Educação, indo, portanto, além do universo conhecido e vivenciado de modo geral pelas estudantes de Pedagogia e, de modo especial, pela turma do PARFOR onde se desenvolveu o estudo.

4- Trajetória metodológica para investigar os significados atribuídos, pelas alunas do PARFOR, à História da Educação.

Desde 2006 nas aulas de História da Educação, vem-se trabalhando da forma descrita acima, assim cabem as questões: por que somente em 2012 optou-se em realizar uma investigação? Como se construíram as questões metodológicas? Como foi viabilizada a pesquisa?

Entende-se que a fase que antecede a opção pela turma do PARFOR, em 2012, é conhecida na pesquisa social, como da observação, etapa necessária a quem se utiliza, em um itinerário de pesquisa, de questionários e entrevistas (ZAGO, 2003). Foi, portanto, um processo de amadurecimento intuitivamente necessário até que se conseguisse sistematizar a metodologia utilizada para esse estudo. Cumpre ressaltar que, em 2012 a Instituição recebeu a primeira turma proveniente da Plataforma Paulo Freire dentro do programa PARFOR. Esse grupo, mais do que os grupos de alunas regulares, instigou a realização do projeto mencionado anteriormente. Foi, como já dito, de um recorte do projeto maior que se constituiu o estudo com foco no ensino de História da Educação e os desdobramentos que aqui são tematizados.

Para um melhor entendimento do percurso, faz-se necessário a explicitação das características dessa turma que a torna, em certa medida, singular. O Curso é presencial, as aulas acontecem às sextas-feiras em três turnos e aos sábados pela manhã. Aos sábados a tarde as aulas são a distância. A turma é composta por um número de trinta e cinco alunas, com média de quarenta e dois anos de idade. Em comum, todas têm larga vivência em docência no Ensino Fundamental. Entre elas, há quem tenha mal sucedidas experiências com uma primeira tentativa de graduação, desistiram por motivos financeiros, por distâncias entre o ambiente de estudo e o trabalho, excesso de carga horária na escola, dificuldade em conciliar trabalho, família e o curso de graduação.

Apesar das dificuldades por elas apontadas, superadas ou contornadas essas questões, no ano de 2011 as alunas dessa turma, por diferentes razões, vislumbraram a possibilidade de, finalmente, cursar o ensino superior, se inscreveram no Curso de Pedagogia presencial através de Plataforma Freire, e, reunindo os requisitos necessários exigidos pelo MEC e a felicidade de serem sorteadas, iniciaram o curso em 2012.

A viabilidade da obtenção de recursos financeiros proporcionada pelo convênio do PARFOR com a instituição, o entusiasmo de algumas colegas da área e a predisposição de uma coordenação, tornou viável a tarefa de sistematizar todas as fases da investigação que iniciou, justamente, nas aulas de História da Educação durante o primeiro semestre de 2012. Após a conclusão do processo de trabalho, ocorrido na disciplina de História da Educação, descrito acima, deu-se prosseguimento à pesquisa com a fase das entrevistas que foram filmadas, dessas participaram um grupo de professores da turma⁴, posteriormente as narrativas foram transcritas.

A produção dos dados ocorreu em três fases: a primeira se constituiu de observação da turma com relação ao desenvolvimento do trabalho na disciplina de História da Educação. Através da adesão à proposta, envolvimento com a recolha dos documentos, interesse em encontrar bibliografias que sustentassem o estudo, sistematização dos dados e construção do artigo. Com essa trajetória foi possível vislumbrar uma parte do processo de atribuição de significados com relação à importância que a disciplina em questão ia assumindo no grupo. Assim, durante o semestre, registrou-se, em uma espécie de caderno de campo, as impressões transmitidas pelas alunas com relação ao desenvolvimento do trabalho. Zago (2003) aponta que um recurso que potencializa a utilização de entrevistas em pesquisas de cunho qualitativo é a observação. Essa é fundamental porque contextualiza o ambiente e permite uma análise prévia dos sujeitos que participarão do processo.

Na segunda fase, as alunas responderam a um instrumento com questões específicas da História da Educação. Essas questões tiveram como objetivo um mergulho no universo da disciplina, procurando identificar aspectos relevantes e entender os significados conferidos pelas alunas ao processo de trabalho proposto e, em menor medida, se a atividade por elas desenvolvida repercutiu de alguma forma na sua prática docente. As questões escritas contemplavam os seguintes itens: nome; escola

⁴ O evento da entrevista foi realizado por quatro professoras da turma, de modo a conferir maior flexibilidade nas narrativas, dependendo do grau de intimidade com as professoras. Assim não foi somente a professora de História da Educação que realizou essa fase.

que trabalha; tempo de serviço; atividade que desenvolve; descrição do seu percurso na disciplina de História da Educação considerando: trajetória de estudo, aprendizagens, habilidades e atitudes desenvolvidas; importância ou não da História da Educação no fazer docente; avaliação do trabalho realizado com os documentos referentes a “educação de outros tempos”.

Em um terceiro momento, ocorrido no segundo semestre de 2012, se deu o processo de entrevista propriamente dito, o instrumento foi baseado no que Zago (2003) entende como “entrevista compreensiva” que tem como princípio aprofundar o entendimento sobre uma temática.

As alunas foram divididas em dois conjuntos; aquelas que responderiam as questões individualmente e aquelas que responderiam as questões participando de um grupo com mais cinco colegas. As entrevistas aconteceram na brinquedoteca, por ser um ambiente lúdico e esteticamente diferente dos usuais espaços universitários.

As entrevistas coletivas tiveram o propósito de potencializar o material das narrativas, pois desencadeiam lembranças, sentimentos comuns compartilhados pelo grupo o que acontece em menor medida quando se trabalha individualmente. Segundo Larrosa (2004), o ser humano é um ser que se autointerpreta utilizando-se de formas narrativas, desse modo o sentido do que somos, tanto para nós como para os outros, depende das histórias que contamos e, em particular, das construções que fazemos de nós mesmos, acrescentar-se-ia ainda, do grupo com quem convivemos e das situações vividas em conjunto. A utilização de entrevistas em grupo possibilitou, assim, uma construção sociológica do coletivo, ampliando a dimensão propiciada pelas escritas e relatos individuais.

A entrevista seguiu oito eixos de discussão, quais sejam: dados pessoais, processo de formação, repercussão da formação na escola, aporte cultural, acesso aos meios digitais, relações de gênero, observações pessoais. Quando realizadas individualmente, as entrevistas asseguraram as informações com maior grau de profundidade, quando em grupo, os pontos de contato entre as narrativas proporcionaram um mapeamento de maior amplitude das situações vivenciadas pela turma.

Para o estudo apresentado nesse artigo, tomaram-se, das entrevistas, somente as respostas referentes ao *processo de formação* e nesse, o item alusivo a “disciplinas julgadas importantes”, tendo-se como foco as respostas relacionadas a História da educação.

As duas etapas anteriores ao processo de entrevista se justificam porque, segundo Zago, “a entrevista se encontra apoiada em outros recursos cuja função é complementar informações e ampliar o ângulo de observação” (2003, p. 298). Nesse caso, a idéia foi, em um primeiro momento, focar o ângulo de observação de modo a determinar uma análise específica sobre as apropriações das alunas frente à disciplina de História da Educação e, em um segundo momento, ampliar a percepção tendo como foco os significados da referida disciplina no processo de formação dessa turma.

5 - Desdobramentos da História da Educação e possibilidade de formação docente.

As narrativas foram realizadas no segundo semestre de 2012, ao analisá-las, alguns aspectos chamam atenção em relação ao processo de formação e consequentemente a profissionalização dessas alunas/professoras.

Especificamente com referência à História da Educação, os relatos apontam significados importantes sob o ponto de vista formativo. As alunas relataram que a disciplina promoveu uma ampliação de leituras, reavivamento de épocas passadas, reflexões sobre a prática docente, valorização dos saberes da História para a formação dos alunos dos anos iniciais, percepção da importância da pesquisa nos seus processos de aprendizagem, entre outras questões levantadas. Nesse sentido, destacam-se alguns depoimentos. A aluna B afirma que a atividade teve o mérito de “[...] ampliar o olhar aos estudos e pesquisas, adaptar atividades e reciclar idéias para utilizar em sala de aula com os alunos. E conhecer mais sobre a História da Educação”. A aluna V afirma “Eu acho que tudo que eu aprendo, eu aplico muito [...] dentro da realidade que tá o contexto da minha sala de aula que é um terceiro ano, [...] as questões que eu aprendo aqui, as práticas, algumas ideias eu aplico sempre em sala de aula.”. A aluna X declara que a “História da Educação foi uma disciplina que me fez sair do comodismo, [...] a ler, a pesquisar e entrar na história descobrindo e entendendo como se construiu a educação e sua trajetória. Ainda a afirmação “esta atividade acadêmica me fez refletir sobre o meu papel enquanto educadora. Reviver situações da época em que eu era aluna e fazer comparações foi muito significativo” (aluna Z). Há duas narrativas emblemáticas nesse processo de pensar a profissionalização. As alunas “A” e “E”, respectivamente, relataram:

A história da Educação tem esse poder pois através de análises, de discussões, de explicações da professora [...], nos mostrou e nos fez refletir sobre a importância da educação não somente nos dias atuais e sim em sua construção histórica para sociedade.

Contar uma história que já foi vivida se apropriar de um saber que é mágico. É imaginar, é viajar através do pensamento. Contar a história do passado para alunos das séries iniciais nos faz construir a história do presente destas crianças.

As impressões com relação aos sentidos atribuídos à utilização de documento como forma de aprendizagem e a validade de utilizá-los na disciplina de História da Educação, bem como a importância da construção de um artigo foram sistematizados em uma tabela. Das participantes da pesquisa, 71,8% ressaltaram a relevância da atividade para sua formação, identificando aspectos como: diferença de gênero encontrada historicamente na profissão, preservação de documentos antigos, compreensão do presente através da análise de documentos do passado e, sobretudo, o desenvolvimento pessoal proporcionado pela prática de empreender a escrita de um artigo logo no primeiro semestre do curso. Das 28,2% restantes, 16% não demonstrou entusiasmo e/ou não o achou relevante e 12,2% abordou somente as dificuldades em realizá-lo.

Algo que chamou a atenção nas entrevistas refere-se à importância da educação das mulheres, 37% delas mencionaram que esse tema foi relevante durante o transcorrer da disciplina. A atividade que envolveu esse assunto consistiu na distribuição de doze textos que discutiam a educação das mulheres em diferentes aspectos. Dessas questões envolvendo formação e gênero, sobressaíram-se, respectivamente as afirmações das alunas “E” e “W”:

A disciplina História da Educação contribuiu em muito para a minha visão como docente, pois a partir dela pude perceber influências históricas na educação que perduram até os dias atuais, tais como a do gênero que era algo explícito mas que historicamente eu não sabia o seu desenrolar até os dias atuais e que me ajudou a entender o porque de algumas situações na área da educação.

[...] os aspectos que mais me chamaram a atenção foi as mulheres na sala de aula. Elas iniciaram sua trajetória com dificuldades, pois esperava-se que elas só poderiam ser mãe e donas de casa. Mas aos poucos elas começaram a conquistar seu espaço profissional, mas ainda espera-se delas um sacerdócio, uma vocação para a doação.

Os dados obtidos nessa pesquisa permitem inferir que a atividade com documentos proposta em História da Educação ampliou o repertório das alunas acerca da importância dessa disciplina na formação para o exercício da docência, incluindo a percepção da maioria delas com relação ao potencial de pesquisa historiográfica presente nas instituições de ensino onde trabalham.

Na impossibilidade de apresentar todas as narrativas indicadoras dos significados atribuídos à disciplina, evidenciam-se aqui alguns fragmentos : “[...] foi válido sim este trabalho, pois nos remete a comparar a educação de hoje e de ontem. Como professoras, foi espaço para refletirmos e discutirmos, como acadêmicas, nos tornou pesquisadoras e ‘opinadoras’ ”. (aluna T). Foi válido, me fez estudar e pesquisar muito. Escrevia, lia e sempre tinha mais alguma coisa para acrescentar ou retirar”. (aluna E). “História da Educação foi uma disciplina que me fez sair do comodismo, [...] e entrar na História descobrindo e entendendo como se construiu a educação e sua trajetória”. (aluna X). “Então, antes via História como disciplina entediante. Agora, com entusiasmo. [...] Já havia cursado a disciplina, porém, em nenhuma das aulas de agora, pude perceber semelhanças com o que havia lido da primeira vez.” (aluna Y). “Trabalhar com documentos antigos nos faz pensar e, a História da Educação, sendo aplicada na maneira como foi, aguçou a curiosidade e nos fez ver o que antes achávamos, porém não víamos.”(aluna G)

Os depoimentos sinalizaram dois elementos que interessaram desde o início do estudo, a saber: a apropriação pelas alunas do significado da pesquisa em sala de aula e as habilidades que foram, senão desenvolvidas, pelo menos despertadas com relação à valorização da documentação histórica, da preservação e construção de acervos documentais escolares. Também a construção de uma percepção sobre o papel que História da Educação se propõe a assumir como componente curricular do Curso de Pedagogia.

6- Como forma de conclusão.

Atualmente, muitas instituições escolares começam a valorizar suas memórias e organizar espaços em que reúnem fragmentos da documentação que sobreviveram ao tempo, disponibilizando o acervo à visitação do público em geral. Para estudantes e professores de História da Educação, esses lugares são especiais pelas possibilidades do

estudo daquilo que foi preservado do passado escolar. O que a escola guardou? Por que guardou? Como descartou? O que foi descartado? Que história está sendo contada? Entretanto, importa lembrar que as fontes históricas não correspondem diretamente ao passado tal qual aconteceu. Precisam de leitura, de análise, de questionamentos para que possam, aos poucos, fornecer indícios e, assim, se fazer os cruzamentos necessários para a reconstrução do passado. É preciso, portanto, que se indague qualitativamente as fontes de pesquisa para depois estabelecer-se intervenções competentes junto aos alunos na busca de uma compreensão mais fecunda do passado. E então, todo esse conjunto de documentos diz muito, e, se problematizado, é capaz de explicar um pouco da História. E, desse modo, se consegue perceber o quanto a História da Educação *está viva* nas escolas, materializada nesses fragmentos conservados pelo tempo e pelas narrativas de memória. Essa discussão permeou a atividade desenvolvida na turma do PARFOR e serviu de inspiração para a escrita deste texto que foi, entre outros aspectos, uma reflexão sobre a docência da disciplina de História da Educação.

Gatti Jr. (2009) e Nóvoa (2005) nos ajudaram a pensar no ensino de História da Educação, que pode incluir atividades de estudo como essa aqui tematizada. Nóvoa (2005) debruçou-se sobre este tema e reforça os desafios vividos pelos docentes dessa disciplina que agregam em seu ofício, concomitantemente, o papel de historiadores e de professores, que transitam ora pela História, ora pela Educação.

Cabe aqui o alerta de Clarice Nunes (2003) sobre o papel desses professores que, por diferentes motivos, nem sempre são pesquisadores identificados com a História da Educação e o quanto isso pode dificultar sua inserção diante do campo de pesquisa, podendo também comprometer a qualidade daquilo que trabalha em suas aulas.

O depoimento da aluna “B” traduz, em parte, a reflexão feita por Nunes. A aluna relata “[...] e teve a História da Educação, que foi a função de nós fazermos um artigo. Todo mundo apavorado né? No primeiro semestre fazer o artigo iiiii, mas foi super legal e um aprendizado incrível, porque muitas, talvez todas, ah...se surpreenderam com o resultado [...]”. São essas surpresas do cotidiano docente que nos fazem refletir o quanto vale a pena os esforços de construir práticas de sala de aula, especialmente com as turmas de graduação, pois são essas práticas que têm ressonância na formação docente e, acredita-se, podem contribuir com a melhoria na qualidade do Ensino Fundamental.

Conclui-se que no ensino de História da Educação é importante, para além do processo de formação, envolver os alunos a trabalhar as questões historiográficas na

prática, com a tentativa de levá-los a perceber a História da Educação enquanto possibilidades de desenvolver pesquisas.

Neste texto, procurou-se discutir os significados da História da Educação, partindo-se de uma prática em particular, especialmente pensando na formação das alunas do Curso de Pedagogia com ênfase nas contempladas pelo PARFOR.

Como professoras desta disciplina, sentimo-nos implicadas em tudo o que escrevemos. É assim que buscamos a cada novo semestre, a cada nova turma, a cada aula aguçar as sensibilidades, valorizar nossas intuições no sentido de construir propostas que possibilitem às alunas ampliarem os significados dessa disciplina. É preciso que os saberes difundidos nos cursos de graduação agreguem sentidos para os alunos, a sala de aula precisa ser compreendida enquanto um espaço de construção de conhecimento, de trocas e de afetos.

Ao longo desses escritos, afirmou-se que aulas de História da Educação são importantes na constituição de futuros professores que, imbuídos desses saberes, poderão perceber que o conhecimento da História dá sentido ao trabalho educativo, pois o presente está atrelado ao passado.

Encerramos essas reflexões com uma ideia de Nóvoa que, de certa forma, sintetiza as competências desse sujeito professor de História da Educação. Ele afirma que: “o mínimo que se exige de um historiador é que seja capaz de pensar a História interrogando os problemas do presente (...). O mínimo que se exige de um educador é que seja capaz de pensar a sua ação nas continuidades e mudanças do tempo (...)” (2005, p.9). Assim, essa espécie de *aliança* entre História e Educação poderá instigar as alunas a desenvolverem uma participação crítica nas diferentes realidades escolares em que, depois de formadas, irão se inserir.

Referências:

BRASIL, Presidência da República (2009). *Decreto nº 6755, de 29 de janeiro de 2009*. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6755.htm>. Acesso em março de 2013.

CATANI, Afrânio Mendes; GILIOLI, Renato de Sousa Porto. *Administração Escolar: a trajetória da ANPAE na década de 1960*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

CHARTIER, Roger. Uma crise da história? A história entre narração e conhecimento. In: Pesavento, S. J. *Fronteiras do Milênio*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001.

CHERVEL, André. História das Disciplinas Escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Revista Teoria e Educação*, Porto Alegre, v.2, 1990.

COSTA, Marisa Vorraber. O magistério e a política cultural de representação e identidade. In: BICUDO, Maria Aparecida; SILVA JÚNIOR, Celestino (Orgs.). *Formação do Educador e Avaliação Educacional*. São Paulo: UNESP, 1999.

GATTI Jr. , Décio. Investigar o Ensino de História da Educação no Brasil: categorias de análise, bibliografia, manuais didáticos e programas de ensino. In. GATTI Jr., MONARCHA, Carlos e BASTOS, Maria Helena (orgs.). O ensino de História da Educação em perspectiva internacional. Uberlândia: EDUFU, 2009.

GATTI, Bernardete A.; NUNES, Marina M. R. Formação de professores para o Ensino Fundamental: instituições formadoras e seus currículos. In: FUNDAÇÃO VICTOR CIVITA. *Estudos & pesquisas educacionais: estudos realizados em 2007, 2008, 2009*. São Paulo: Fundação Victor Civita, 2010.

LAROSSA, Jorge. *Pedagogia Profana: Danças, Piruetas e Mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NÓVOA, Antonio. Apresentação da Coleção Histórias e memórias da educação no Brasil. In. Stephanou, Maria. e Bastos, Maria . Helena Camara(orgs). Petrópolis: Vozes, 2005.

NUNES, Clarice. O ensino de História da Educação e a produção de sentidos na sala de aula. RBHE. Campinas: São Paulo, n. 06, 2003.

SCHEIBE, Leda. Valorização e formação dos professores para a Educação Básica: questões desafiadoras para um novo Plano Nacional de Educação. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 31, n. 112, jul.-set. 2010, p. 981-1000.

ZAGO, Nadir. *A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa*. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de VILELA, Rita Amélia Teixeira (orgs.) *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia de educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.